

Escola Bíblica Semanal

Lição 8 - Evangelho de Mateus – A paixão de Jesus Cristo (26.1 a 28.20)

1 – Introdução à lição

Jesus Cristo, o filho do Deus Vivo, cumpre seu ministério terreno em Jerusalém. Naqueles dias houve conspiração, unção, traição, ceia, negação, oração, prisão, julgamento, tortura, execução, e ressurreição. Em poucos dias toda a criação de Deus foi abalada. Mateus relata estes últimos momentos do Senhor Jesus como o fez com todo o resto: de forma breve e resumida, mas isto em nada tira a intensidade do relato, ao contrário, torna todos os eventos mais evidentes ainda ao leitor, pela sua crueza, proximidade e pelo poder dos acontecimentos relacionados ao Filho de Davi.

2 – Preliminares para a Páscoa

Jesus conclui seu sermão profético e informa seus discípulos da proximidade da Páscoa, na qual ocorrerá sua crucificação. Tal festa celebrava a libertação dos hebreus da escravidão egípcia, e eram na verdade duas festas, a dos pães asmos e a da páscoa, mas como eram em dias subsequentes, tudo era chamado de festa dos asmos, ou festa da páscoa, que desta forma acabava sendo contada como oito dias.

Enquanto Jesus estava com os seus, os inimigos reuniam-se na casa de Caifás para conspirar contra ele, buscando prendê-lo e matá-lo, mas evitavam fazer durante a festa, pois o povo ali referido não era formado apenas pelos habitantes de Jerusalém, mas por Judeus e prosélitos de todo o mundo conhecido, que vinham a Jerusalém para as festas. Naqueles períodos festivos a cidade fervilhava de gente e muitas idéias messiânicas vinham à tona.

3 – Unção em Betânia

Este evento é um dos que mais tem suscitado dúvidas, pois nos quatro evangelhos aparecem eventos de unção de Jesus por uma mulher, cada qual contado detalhes diferentes, alguns que se complementam, outros que se contradizem. A melhor conclusão que se tira é que houveram ao menos dois eventos diferentes de unção de Jesus por mulheres. O evento aqui descrito não é o mesmo que aparece em Lucas, pois a unção em Lucas é feita no início do ministério, no norte de Israel e por uma mulher de vida sexual imprópria. Aqui a unção é no final do ministério, em Betânia e é feita por Maria, irmã de Lázaro (Jo 12.3).

O alabastro era um material semelhante ao gesso, e dele faziam-se ampolas para guardar finos óleos aromáticos. O conteúdo era liberado quebrando-se o longo gargalo.

Uma mulher com tal objeto provavelmente carregava em suas mãos o fruto de todas as suas economias de uma vida de trabalho. Com aquilo que tinha, esta mulher adorou o Senhor.

Muitos indignaram-se com o aparente desperdício, especialmente Judas, muito mais interessado no valor financeiro daquela caríssima adoração. Jesus aprovou a ação da mulher, considerou-a profética e profeticamente anunciou que nós estaríamos falando sobre ela, bem como todos aqueles que anunciassem o evangelho por todo o mundo.

4 – A traição

Talvez motivado pela cobiça e revoltado com o aparente desperdício de unguento na unção de Jesus, Judas Iscariotes parte ao encontro dos inimigos de Jesus. Todos os discípulos tinham uma impressão errada do Mestre, esperando um Messias guerreiro, conforme vimos ao longo de nossos estudos, mas Judas transforma isto em revolta. Alguns cogitam que a traição de Judas teria o propósito de forçar Jesus a assumir sua identidade guerreira e a derrotar seus inimigos e os inimigos de Israel. As escrituras silenciam a este respeito mas, se fosse assim, Judas ainda seria culpado de não confiar no discernimento de Jesus, tomando ele mesmo as rédeas da situação em suas mãos. É o que acaba acontecendo com aqueles que não confiam no discernimento do Senhor e resolvem eles mesmos tomarem as suas decisões.

Muito se tem especulado sobre Judas Iscariotes, mas não precisamos especular, temos as Escrituras, as quais nos contam que ele era ladrão, que traiu Jesus por dinheiro, que teve chance de arrependimento mas não teve temor. Quando sua traição estava consumada, não se arrependeu, mas tomado de remorso suicidou-se.

De tempos em tempos o inimigo envia falsos profetas para enganar o povo do Senhor, e isto é assim não é de hoje, e muitos desses falsos profetas também deixaram seus escritos, mas repito: nós temos as Escrituras, da qual o Espírito Santo de Deus dá testemunho. O que contraria as Escrituras não é digno de crédito, é apenas falatório do inimigo que leva atrás de si muitos que não vigiam. Judas era um traidor e recebeu por aquela traição o valor de trinta moedas de prata, as quais saíram das mãos da classe sacerdotal para comprar a morte de um inocente.

5 – A Páscoa de Jesus

No primeiro dia da festa, Jesus envia discípulos a preparar o local para a sua refeição. Tudo parece ser feito em sigilo. Jesus não diz abertamente o nome do homem nem o local da ceia, o que acaba evitando que sejam interrompidos por Judas e seus comparsas. Tudo na vida de Jesus tem um momento certo (Ec 3.1).

Naquela que seria a última ceia que Jesus celebraria com os seus discípulos nesta terra, ele anuncia a traição, e que seria feita por um deles. Todos se entristeceram e começaram a se analisar. O traidor sabia que era ele, e os demais sabiam que não iriam traí-lo, mas o anúncio feito pelos lábios do Senhor levou cada um a duvidar de si mesmo, da sua própria força.

É bom que um servo de Deus olhe para dentro de si e perceba sua fraqueza, pois nossa força vem do Senhor. Não é bom que alguém seja tão auto-confiante a ponto de simplesmente desprezar a possibilidade de cair. Pedro fez isso mais tarde e chorou amargamente este fato. Os habitantes de Sardes eram tão confiantes que jamais cairiam que por duas vezes tiveram sua cidade invadida enquanto os soldados dormiam, pois confiavam em sua posição elevada e suas muralhas. Quem não reconhece sua fraqueza não vigia e inevitavelmente cairá.

Para mostrar que tal traição era ainda pior, Jesus diz que o traidor estava bem perto dele, pois servia-se do mesmo prato. Isto mostra que alguém pode andar com Jesus, anunciar o evangelho, ter poder sobre espíritos imundos, e ainda assim trair o Senhor. Para Judas teria sido melhor nem nascer.

Demonstrando enorme incredulidade no poder profético de Jesus, Judas pergunta se é ele o traidor, ao que Jesus responde “Tu o disseste”, uma expressão equivalente ao nosso “É o que tu estás dizendo”.

Jesus então parte um pão e o divide com os seus, anunciando que ali estava representado seu corpo, bem como compartilha um cálice de vinho, onde estava representado seu sangue. Este ato repetimos para lembrar nosso Amado.

Neste breve ato, foi celebrada uma nova aliança entre Deus e os homens. A relação do Senhor com sua criação sempre se deu em termos de aliança, onde Deus faz uma proposta maravilhosa e que não merecemos e assume compromissos conosco, desde que obedeçamos aos

termos da aliança.

Naqueles dias eles estavam sob a antiga aliança, a da lei, onde se dizia: Faça e viva, mas agora estavam sob a aliança da graça, onde dizemos: viva e faça!

Moisés negociou a antiga aliança com Deus, e deu sangue de carneiros e bodes para selar a aliança, mas o próprio Filho de Deus mediou a nova aliança, e deu seu próprio sangue para pagar nossos pecados.

O grande problema do homem é o pecado, por isso só Jesus Cristo deve ser seguido, adorado e cultuado, pois só ele resolve o problema do pecado, eliminando-o.

6 – No monte das Oliveiras

Ao final da ceia, cantaram um hino e partiram para o monte das oliveiras. Jesus anunciou a dispersão dos doze, ao que Pedro respondeu alegando ser mais firme que seus irmãos.

Normalmente focalizamos em Pedro, mas o versículo 35 mostra que todos os discípulos afirmaram que ficariam com o Messias até a morte, não apenas Pedro.

No Getsêmani, que significa prensa de óleo, Jesus avançou acompanhado apenas do seu círculo mais íntimo, Pedro, Tiago e João. Pediu a eles que ficassem ali e vigiassem com ele. Era um momento forte para Jesus, pois o filho de Deus estava prestes a pagar pelos pecados de toda a humanidade, incluindo os nossos.

Jesus orou e pediu para não sofrer, mas submeteu-se à vontade de Deus em oração e em ações. Servos consagrados ao Senhor oram assim, pedindo o que desejam, mas desejando mais ainda que a vontade do Pai seja cumprida.

Orar e vigiar evita que entremos em tentação, assim ensinou Jesus. Nosso espírito está pronto, mas ainda vivemos do lado de cá do céu. Assim sabemos que o que nossa carne deseja não é o que precisamos, pois é fraca e deseja o que não convém, ainda que o espírito esteja pronto.

O Senhor chama seus discípulos a vigiar e orar, mas o sono é forte e há entrega. Se os discípulos compreendessem o ministério que estava para se cumprir, o sono lhes fugiria, mas sua fé é pequena demais para acreditarem, então vem o sono e eles adormecem.

Chega então o traidor e a multidão de opressores armados, para prender um homem desarmado e pacífico.

Judas chama Jesus de Mestre, e não de Senhor. Curiosamente, Mateus nos mostra ao longo de seu evangelho os discípulos tratando Jesus como Senhor e seus inimigos chamando-o de Mestre. Até mesmo a saudação de Judas mostra de que lado ele está.

Quantos ainda hoje saúdam até mesmo com um beijo aqueles a quem condenam. Tal qual Judas, ainda há aqueles que participam de reuniões secretas para condenar inocentes e depois os saúdam com um beijo, ou um aperto de mão, ou um abraço caloroso. O salmo 35 trata deste tema. Como parte desta lição, leia-o e medite a seu respeito.

Ao que Jesus é preso, Pedro porta-se violentamente e decepa a orelha de um homem, provavelmente o resultado de uma esquivas contra um golpe contra a cabeça do homem. Jesus o repreende, pois não é assim que deve cumprir seu ministério. A advertência de Jesus a Pedro mostra que a expansão do Reino não é por meio de armas, como lemos em Zc 4.6 “Não por força nem por violência, mas sim pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos”. Novamente Pedro demonstra seu desconhecimento acerca do cumprimento das Escrituras e das palavras de Jesus, mas elas se cumprem.

Com a prisão de Jesus, os discípulos o abandonaram, tudo conforme o previsto, tanto nas profecias do Antigo Testamento quanto nas palavras de Jesus.

Notemos que por mais desesperadores que possam parecer estes eventos e por mais sofrimento a que o Senhor Jesus estava submetido, ele tinha o absoluto controle de toda a situação. A referência às doze legiões de anjos significava algo próximo a setenta mil anjos, só naquele pequeno monte das oliveiras!

7 – Os julgamentos, a negação de Pedro e o remorso de Judas.

Jesus teve mais que um julgamento, pois primeiro o sinédrio se reuniu para condená-lo, mas um julgamento noturno não era válido, então eles reuniram-se novamente pela manhã para oficializar a sentença, mas os romanos não permitiam a execução da sentença, então Jesus foi levado aos romanos para o último julgamento.

Naquela mesma noite, logo após a prisão no monte das oliveiras, Jesus foi levado até Caifás, o sumo sacerdote, o qual já estava reunido com seus amigos e auxiliares. Pedro resolveu seguir de longe a movimentação e conseguiu chegar até dentro do pátio do sumo sacerdote.

Aquele conselho, que um dia fora formado para evitar que os líderes levassem o povo ao caminho errado, agora estava reunido procurando conseguir um falso testemunho para condenar à morte o filho de Deus. Muitos bons começos terminam assim, em religiosidade fria e formalismo morto.

Mesmo com tudo armado era difícil conseguir um testemunho coerente, até que finalmente duas testemunhas conseguem concordar em uma mentira para acusá-lo. A isto Jesus não respondia. Quando finalmente o sumo sacerdote pediu que ele abertamente respondesse se era o Cristo, Jesus responde não só isso, mas fala de seu lugar ao lado de Deus e de sua volta gloriosa.

O sumo sacerdote rasgou as suas vestes, encerrando assim o sacerdócio judaico, pois estava prestes a iniciar o supremo e perfeito sacrifício. Lv 21.10 proibia expressamente o sumo-sacerdote de rasgar suas vestes, até mesmo pela morte de seus próprios pais.

Enquanto isso, Pedro estava lá fora, no pátio, enfaticamente negando que conhecesse aquele galileu que estava sendo julgado lá dentro, usando até juramentos para negar que ele mesmo era galileu e que era não só amigo, mas discípulo de Jesus Cristo. Então cantou um galo, Pedro lembrou-se da profecia e saiu dali para chorar amargamente. Este mesmo Pedro, traidor arrependido, viria a ser grande servo de Deus qualificado pelo derramamento do Espírito, poderoso em palavras e ações e fiel até a morte, pois havia se arrependido de seu pecado.

Pela manhã a alta casta religiosa de Israel formou conselho para matar Jesus, então levaram-no a Pôncio Pilatos, o governador romano da Judéia. Eles poderiam matar Jesus às escondidas, ou linchá-lo como mais tarde fariam com Estêvão, mas eles queriam uma condenação pública dos romanos, para não só matar o líder mas também banir os seus ensinamentos e acabar com o seu movimento.

Ao saber da sentença, Judas sente-se mal e pesaroso, e resolve mudar o que fez, assumindo que pecou e traiu sangue inocente. Os religiosos não se importam com um pecador arrependido, ao contrário, dizem que é problema dele. Judas lança-lhes o preço do sangue inocente e foi enforcar-se. Lucaz conta que ele caiu de um precipício e rompeu-se ao meio, o que dá a entender que possivelmente o galho de árvore estava seco ou Judas, em sua angústia, não amarrou corretamente o laço do enforcamento.

Os religiosos sabiam que estavam pecando, pois consideraram o dinheiro de Judas impuro, e com ele compraram um terreno para cemitério. Judas estava morto, pois a dor do seu pecado não o levou ao arrependimento, mas ao remorso.

Enquanto isso Jesus comparece diante de Pilatos, acusado de traição, pois César era o regente romano, e qualquer outro rei era seu inimigo. Pilatos percebe a maldade, pois aquele homem em sua frente não representava qualquer ameaça militar a Roma, e declarava que seu reino não era desse mundo.

Além do discernimento de Pilatos, sua esposa também o aconselhou a não maltratar Jesus, pois ela muito sofrera em sonhos por aquele inocente. Ainda assim, em lugar de mostrar sua autoridade e seu discernimento, Pilatos cai na teia de artimanhas dos religiosos e acaba soltando um sedicioso homicida em lugar de Jesus, e condena o Cristo à crucificação.

Jesus foi entregue aos soldados romanos, os quais com grande crueldade o torturaram. Tamanha era a tortura que muitos prisioneiros não chegavam à cruz, mas morriam na preparação, mas não foi assim com Jesus, pois seu propósito era entregar sua vida na cruz, pois ninguém a

tomava, ele mesmo a dava (Jo 10.18).

Um certo Simão Cirineu foi constrangido a carregar a cruz de Jesus, a mesma cruz onde Jesus iria pagar pelos pecados desse próprio Simão, aceitasse isso ele ou não.

É crença baseada nas Escrituras que Simão mais tarde tornou-se discípulo. A menção de Marcos a dois filhos de Simão, Alexandre e Rufo (Mc 15.21) dá-nos a entender que estes eram bem conhecidos na igreja. Confira Romanos 16.13. Em Atos 13.1 lemos que Simão tinha por sobrenome Niger (o que significa “preto”); isto condiz com a declaração de que ele era judeu africano, de Cirene, na África do Norte.

Deve ter sido gratificante a Simão, nos anos posteriores, contar sobre o seu privilégio de ter carregado a cruz de Cristo. E não devemos nós, hoje, considerar também privilégio carregar a cruz que Ele nos dá?

8 – Morte, sepultamento e ressurreição.

Jesus foi levado a um lugar chamado Gólgota, e lhe ofereceram para beber vinho, ou vinagre, misturado com fel. Tal bebida era um narcótico anestesiante, que segundo a tradição era oferecido aos prisioneiros pelas mulheres de Jerusalém para aliviar-lhes o sofrimento, mas Jesus não queria, ainda tinha que cumprir seu ministério e salvar um ladrão que iria arrepender-se.

Jesus foi crucificado, e ao seu lado dois bandidos. Jesus era escarnecido e blasfemado por muitos, tanto pelos que passavam, quanto pelas autoridades religiosas e até mesmo pelos ladrões, um dos quais logo se arrepende e é salvo (Lc 23.43).

Então houveram trevas do meio-dia às três da tarde, enquanto o filho de Deus, com seu corpo dilacerado pela tortura, agonizava em uma cruz. Jesus clamou pelo Senhor, o que fez alguns se compadecerem e outros zombarem mais ainda. Cada um reagiu àquela morte ao seu modo, mas ali estava o Filho de Deus e entregando pelos pecados da humanidade.

Jesus morreu.

Naquele momento eventos estranhos aconteceram. O véu do templo, que separava o lugar santíssimo, rasgou-se de alto a baixo, o que simboliza o fim da separação e a permissão para chegarmos a Deus. Houve um terremoto e pedras fenderam-se. Muitos dos santos ressuscitaram e após a ressurreição de Jesus entraram em Jerusalém e apareceram a muitos. Sobre o destino destes, a bíblia silencia.

Ao ver tudo isto, um centurião romano e os que estavam com ele enchem-se de temor e percebem que ali não estava um criminoso comum, mas alguém que era Filho de Deus.

Naquele hora os discípulos mais chegados haviam fugido, mas as mulheres, indefesas, permaneciam aos pés da cruz. Um de seus outros discípulos chamava-se José, mas era discípulo em segredo, pois era membro do sinédrio. Este homem encheu-se de coragem e assumiu seu discipulado, indo até Pilatos pedir o corpo de Jesus, para dar-lhe um enterro digno. Jesus já havia sofrido o que deveria sofrer, agora teria um enterro digno.

Naquele entardecer triste em Jerusalém foi cumprida uma aliança maravilhosa entre Deus e os homens. As Escrituras nos contam que também Nicodemus foi ajudar a preparar o corpo de Jesus. O Rei dos Reis estava sendo preparado para o sepultamento por dois membros da alta classe religiosa de Israel, dois homens que sabiam o que estavam fazendo.

Enquanto Nicodemus e José tinham o corpo sem vida de Jesus em seus braços, o mundo estava alheio àqueles acontecimentos, mas ali, sem vida, jazia o grande presente de Deus.

Porque Deus amou o mundo de tal maneira, que deu seu filho único, para que todo aquele que crer não pereça, mas tenha a vida eterna. (Jo 3.16)

Os líderes religiosos, ainda não satisfeitos com a selvageria e a carnificina, pedem providências para evitar o inevitável: a ressurreição de Jesus. A ordem de Pilatos para levar uma guarda era o equivalente a dar permissão para parar a primavera e não permitir às plantas que florescessem.

O corpo de Jesus foi sepultado, uma grande pedra foi colocada na entrada, a qual foi

selada. Ainda foi colocada ali uma guarda romana, mas nada poderia impedir a ressurreição do autor da vida.

Na madrugada do que hoje chamamos domingo, duas servas de Jesus foram ao sepulcro prestar-lhe o serviço fúnebre.

Um grande terremoto houvera, e um anjo de Deus removera a pedra e sobre ela se sentara, não para permitir a passagem de Jesus, pois em seu corpo glorificado ele pode atravessar paredes, mas para permitir a passagem dos que desejassem ver o sepulcro vazio.

Os guardas desmaiaram, mas as mulheres foram saudadas pelo anjo, o qual mostrou a elas o lugar vazio e deu instruções para o seguirem na Galiléia, onde o veriam. As mulheres partem, mas são interrompidas em seu caminho pelo próprio Jesus e elas o adoram com grande amor.

Notemos que elas lhe abraçam os pés, uma atitude de profundo amor e profunda adoração. Que prazer maravilhoso deve ter sido aquele, e que prazer maravilhoso será o nosso quando o fizermos!

Aqueles guardas, ao chegarem à cidade, contaram tudo às autoridades judaicas, os quais os subornaram e garantiram que os livrariam de alguma punição, provavelmente com suborno também, por isso até o dia de hoje os judeus dizem que o corpo foi roubado pelos discípulos e que não houve ressurreição.

Instruídos, os discípulos parte em viagem à Galiléia, ao lugar designado, e lá se deparam com o Jesus ressurreto. Cabe aqui a transcrição do texto que segue, pois é demais maravilhoso:

“Foi-me dada toda a autoridade nos céus e na terra. Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a obedecer a tudo o que eu lhes ordenei. E eu estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos”.

Encerramos aqui o estudo de hoje, concluindo assim o Evangelho de Mateus. Seguiremos para a próxima lição, na qual iniciaremos nosso estudo do Evangelho de Marcos.

A leitura bíblica para a próxima aula é Marcos 1.1 a 3.6.

As seguintes fontes contribuíram para a elaboração deste estudo:

Archer, Gleason. **Enciclopédia de temas bíblicos: respostas às principais dúvidas, dificuldades e “contradições” da Bíblia.** São Paulo: Editora Vida, 2001.

Arrington, French L. e Stronstad, Roger (editores). **Comentário Bíblico Pentecostal Novo Testamento.** 2ª Edição. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2004.

Bíblia Sagrada: nova versão internacional. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2000.

Earle, Ralph; Sanner, A. Elwood. E Childers, Charles L. **Comentário Bíblico Beacon. Vol 6: Mateus a Lucas.** Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2006.

Oliveira, Marcelo Ribeiro de. **ABSVD – A Bíblia Sagrada versão digital 5.8.0001 Almeida Corrigida, Fiel.** Blasterbit Software, 2005. Download disponível em <http://www.blasterbit.com/>

Pearlman, Myer. **Mateus: o Evangelho do Grande Rei.** 5ª Edição. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembléias de Deus, 2004.

Walvoord, John F. **Todas as profecias da Bíblia.** São Paulo: Editora Vida, 2002.

Lição elaborada por Carlos Alberto Bornhofen, servo de Jesus Cristo.
<http://www.geocities.com/malaquias316>